

Espírito

de Caridade

Riley Christensen (no meio, fotografada aqui em St. Charles, Illinois) angariou dinheiro para bicicletas fornecidas pela Bike Rack para dar de presente a crianças com necessidades especiais, entre elas Ava (à esquerda) e Rose.



*Bicicletas, agasalhos, presentes e luzes de Natal:
estas seis histórias são uma homenagem aos corações
bondosos e aos pequenos atos de gentileza que
alegram nossa época festiva* **POR GARY SLEDGE**



Entrega especial

Riley Christensen, 10 anos, e a mãe, Lynn, estavam aconchegadas diante do computador da família, conferindo modelos e preços de bicicletas. “Vamos escolher uma para o aniversário do papai”, sugeriu Lynn à filha.

Enquanto examinava a página da Bike Rack, loja na cidade onde moravam, Saint Charles, no Estado americano do Illinois, um *link* para um vídeo do Projeto Mobilidade chamou a atenção de Lynn. Por curiosidade, ela clicou. O clipe contava que Hal Honeyman, um dos donos da Bike Rack, fundara uma entidade para fornecer a deficientes físicos bicicletas especialmente montadas, e mostrava o rosto alegre dos que agora as usavam: vítimas de acidentes, soldados feridos e crianças com deficiência, inclusive o filho de Hal, que nascera com paralisia cerebral.

“Vou comprar uma bicicleta para um desses garotos”, disse Riley à mãe. Dali a dois dias, a menina mostrou a Lynn o que escrevera para pedir doações. “Acho fantástico que alguém faça bicicletas para garotos que não podem andar”, dizia a carta. “Vi como um menino ficou feliz quando ganhou a dele [...] Estou escrevendo para pedir a sua ajuda.”

Lynn ficou muito comovida com a iniciativa da filha, mas logo surgiram dúvidas. O preço de uma daquelas bicicletas especiais podia chegar a 4 mil dólares. Riley nunca conseguiria

juntar tanto dinheiro. Ainda assim, a carta foi enviada a 75 amigos e parentes. Dali a três dias, começaram a chegar cheques e dinheiro. Depois a notícia da campanha de Riley se espalhou e, com a aproximação do Natal, chegaram mais e mais doações. A menina acabou levantando mais de 12 mil dólares, o suficiente para comprar sete bicicletas.

Na véspera do Natal passado, Riley vestiu um gorro de Papai Noel e entregou as bicicletas a três crianças de sorte: Ava, 13 anos, com espinha bífida; Jenny, 15, com paralisia cerebral; e Rose, 4, com uma doença genética rara. “Este foi o meu melhor Natal”, disse Riley.

Desde então, Ava e Riley já passearam juntas.

“Quando ando de bicicleta, gosto de correr, suar e sentir a brisa”, diz Riley. “Ava também. Ela usa os braços e não as pernas, mas como voa!”

Riley está decidida a manter a campanha de pé em todos os Natais. “Quero que mais crianças sintam o vento no rosto”, diz ela.

Papai Noel secreto

No Centro de Reabilitação Easter Seals, em Evansville, Indiana, o mês que vai do Dia de Ação de Graças até o Natal se enche de expectativa pelo telefonema de um velho amigo. No ano passado, o telefone tocou quando Terry Haynie, vice-presidente de desenvolvimento, estava cheio de trabalho na tarde de 30 de novembro.

- Sabe em que época estamos? - perguntou uma voz masculina meio marota. Era o sinal do início da misteriosa caça anual ao tesouro.

- Sei, sim senhor - respondeu Haynie. - É época de Pete!

Todo ano, "Pete", que é como o homem ao telefone se identifica, liga para o centro com uma mensagem cheia de pistas para que a equipe saia vasculhando o prédio de dois andares e

"Obrigado, Pete!", na esperança de que ele esteja olhando.

Desde 1990, Pete doou quase 65 mil dólares ao centro, que ajuda 5 mil adultos e crianças necessitados de reabilitação física e clínica na região de 30 condados dos Estados de Indiana, Illinois e Kentucky. Ele só pede que a doação ajude as crianças atendidas pelo centro. "Sempre solicita que usemos a doação para tornar mais feliz o Natal

Não seria Natal sem a iluminação de Joe, pensou Bill, quando soube que Joe estava doente. "Alguém tem de ajudar." Durante dois dias, ele e 100 voluntários seguiram diagramas de Joe para criar a linda decoração natalina.

o terreno ao redor com o objetivo de encontrar uma doação para as crianças deficientes.

Em 2009, esse Papai Noel secreto escondeu dinheiro num vidro de biscoitos em forma de boneco de neve e o prendeu nas bengalinas de açúcar penduradas numa árvore junto ao estacionamento. Suas instruções levaram a equipe porta a fora, até os fundos do prédio, na direção da caçamba de lixo. No chão, dentro de uma sacola de presente perto da caçamba, havia uma pequena árvore de Natal de lata, enfeitada com 30 notas novinhas de cem dólares. Ao ver o tesouro, a equipe sempre aplaude, acena e grita

de crianças cujas famílias não têm recursos", explica Haynie. No ano passado, 70 crianças ganharam brinquedos e roupas novas graças a Pete. E todo ano a doação vem com um bilhete em papel roxo que promete: "Vocês voltarão a ter notícias minhas!"

Decoração brilhante

Em certa manhã de dezembro passado, Bill McDonald leu no jornal que Joe Day, morador da cidade, sofria de câncer no pulmão. Isso o impediria de montar a magnífica decoração de Natal iluminada que transformara a sua casa, em Versailles, Indiana, em alvo de peregrinação de até 95 mil pessoas.

O Natal não seria o mesmo sem a decoração luminosa de Joe, pensou McDonald. E decidiu que alguém tinha de ajudar.

Há 33 natais, ao voltar do serviço de eletricitista e encontrar à sua espera Nicholas, o neto de 5 anos, Day tomou uma rápida decisão.

– O que você quer fazer hoje? – perguntou Day ao neto.

– Vamos construir uma rena, vovô – disse Nicholas.

E eles a construíram com a madeira de uma árvore caída e depois a colocaram no gramado e acenderam o nariz vermelho para as festas.

A cada ano, Day foi aumentando a obra, colocando renas num trilho

sobre o telhado e pendurando lâmpadas nas portas e janelas, como se fossem trepadeiras elétricas. Finalmente, milhares de lâmpadas, bonecos, manequins e modelos encheram o quintal e transbordaram para a propriedade vizinha da irmã.

Aí chegou o mês de dezembro de 2009. O câncer de Day, diagnosticado em março, passara para o fígado e para o baço. Depois de 19 sessões de quimioterapia e 43 de radioterapia, estava cansado e deprimido demais para comemorar o Natal.

Até que McDonald telefonou: “O senhor não me conhece”, disse McDonald, “mas quero ajudá-lo a montar a decoração.”



**A impressionante
decoração iluminada
de Joe Day (no detalhe)
levou quase 100 mil
pessoas a visitar a casa.**



Com o boca a boca, McDonald e a mulher, Toni, recrutaram maçons, sócios do Lions, bombeiros locais, amigos e estranhos para montar a decoração de Day. Durante dois dias, mais de cem voluntários percorreram a casa e o quintal de Day de cima a baixo, seguindo os seus diagramas desenhados à mão para mostrar onde cada coisa deveria ficar.

Na noite de 12 de dezembro, com uma multidão de voluntários dando vivas, Day ligou o interruptor e iluminou o espetáculo. “É isso que o Senhor quer que façamos”, diz McDonald, “nos unir, ficar juntos, ajudar uns aos outros.”

O câncer de Day está em remissão e ele mal pode esperar pelo Natal

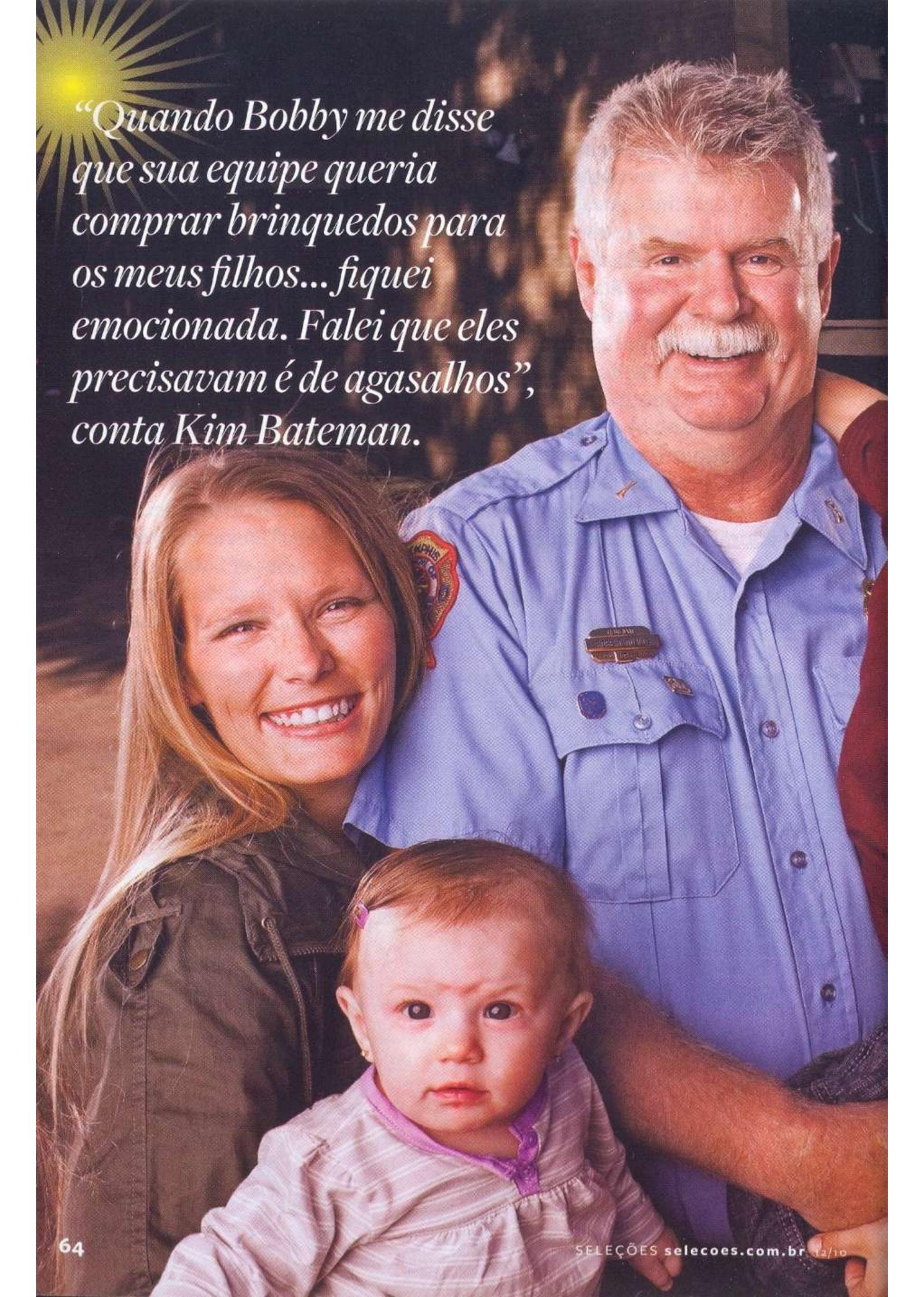
deste ano! “No fundo do coração”, diz Day, “todos gostam de ajudar.”

Ele tem certeza de que a sua decoração brilhante continuará a iluminar a escuridão ainda por muitos anos, porque Bill McDonald prometeu que cumprirá a tarefa.

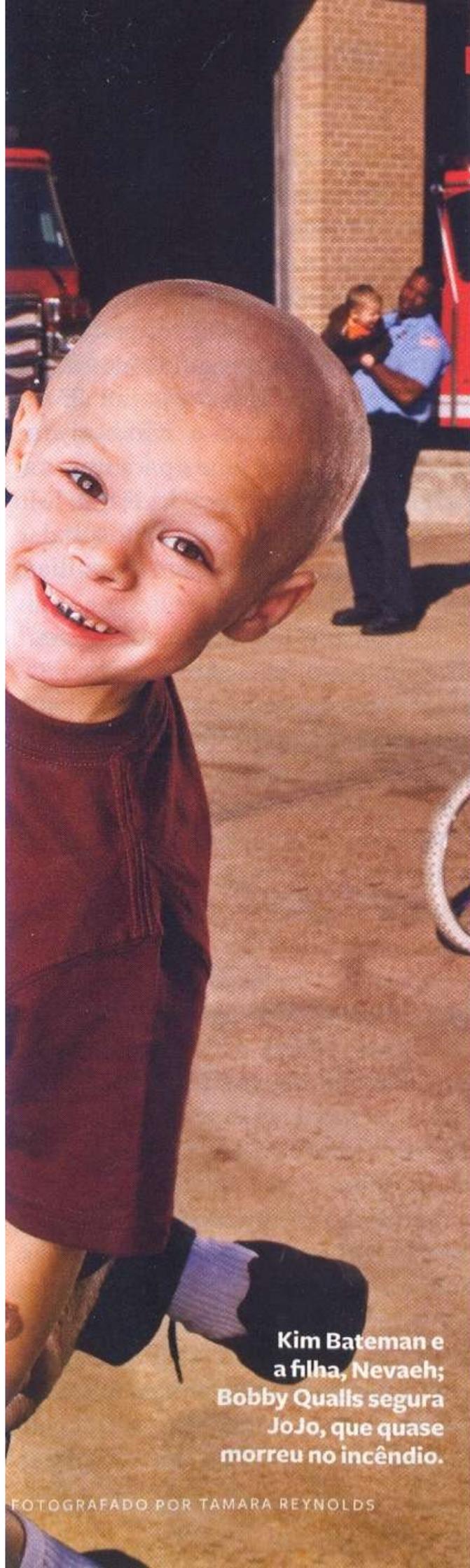
Uma família se salva

O tenente Bobby Qualls fazia compras quando recebeu um torpedo no celular: fogo na Rua Beechmont, casa de um andar, criança presa dentro. “Eu estava escolhendo os presentes da família que o nosso corpo de bombeiros adotara para o Natal”, recorda Qualls, que combate incêndios em Memphis há 24 anos. “Tive uma sensação desagradável quando entrei no carro e fui para lá.”





“Quando Bobby me disse que sua equipe queria comprar brinquedos para os meus filhos... fiquei emocionada. Falei que eles precisavam é de agasalhos”, conta Kim Bateman.



Na última vez que passara pela casa na Rua Beechmont, onde morava a família Bateman-Tubbs, Qualls instalara detectores de fumaça. Era uma missão secreta para ver se precisavam de mais alguma coisa durante as festas. Lá, descobriu que os quatro filhos da família dormiam em colchões sem lençóis e viu dois dos meninos brincando ao ar livre, num frio de zero grau, sem sapatos nem agasalhos.

Qualls soube que Leonard Tubbs ganhava a vida instalando pisos enquanto Kimberly Bateman ficava em casa com as crianças.

“Quando Bobby me contou que os colegas da sua equipe queriam ser Papais Noéis secretos e comprar brinquedos para os meus filhos, primeiro pensei que não precisávamos de ajuda”, recorda Kimberly. “Fiquei mesmo comovida. Disse a ele que as crianças precisavam é de roupas quentes.”

Era exatamente o que Qualls estava comprando em 9 de dezembro de 2008: casacos de inverno para Christopher, 7 anos, JoJo, 4, Madison, 1, e Charles, 2 meses. Enquanto seguia para a Rua Beechmont, ele ligou para o celular de Kimberly. Ela atendeu ao primeiro toque, gritando: “A casa está pegando fogo e JoJo está lá dentro!”

Quando Qualls chegou à casa, a família já tinha saído, mas o imóvel estava em péssimo estado. Os bombeiros haviam encontrado JoJo escondido debaixo de uma pilha de roupas no quarto dos fundos. Ele parara de respirar, recebera os primeiros socorros e fora levado às pressas para

Kim Bateman e a filha, Nevaeh; Bobby Qualls segura JoJo, que quase morreu no incêndio.



O Dr. Edy troca o jaleco e veste a roupa de Papai Noel para alegria das crianças internadas no hospital.

o hospital. Disseram a Qualls que JoJo agora estava nos aparelhos de suporte à vida e talvez não sobrevivesse àquela noite. Ele correu para o hospital com o tenente Mark Eskew, que pôs na cama de JoJo um ursinho de pelúcia vestido de bombeiro.

“Eu não parava de rezar para o meu garotinho abrir os olhos”, recorda Kimberly. “Era a única coisa que eu podia fazer. Eles passaram dias bombeando fuligem preta e grossa como piche para fora do estômago e do pulmão dele.”

No entanto, dali a alguns dias JoJo recobrou a consciência e os tubos foram retirados da sua garganta. Enquanto o menino aos poucos se recuperava, as estações de TV e rádio locais souberam da história, e a mis-

são de Papai Noel secreto de Qualls e dos colegas virou sensação.

Não demorou para que o corpo de bombeiros se enchesse de caixas de brinquedos, comida, produtos de higiene pessoal, toalhas e roupas. Muita gente telefonou querendo doar móveis e eletrodomésticos. Em 23 de dezembro, Leonard e Kimberly se mudaram com os filhos para uma casa alugada. Na véspera do Natal, JoJo estava pronto para sair do hospital, e os bombeiros entregaram à família o seu milagre natalino.

“Esses caras não são só bombeiros”, diz Kimberly, “eles são os nossos anjos da guarda. Se não tivessem instalado o detector de fumaça naquele primeiro dia em que vieram à nossa casa, não saberíamos que o incêndio tinha começado. Depois eles fizeram o impossível para nos dar um Natal.”

Contado por Jennifer Haupt

Médico das crianças

O Natal, para Edy José Pereira da Silva Filho, começa cedo. Ao longo do ano, o cardiologista de 36 anos compra centenas de brinquedos e os estoca num dos quartos do apartamento onde mora em Copacabana, Zona Sul do Rio, reservado só para abrigar bolas, petecas, carrinhos e bonecas. Quando chega dezembro, Edy retira os brinquedos do quarto e começa a dividi-los por sexo e faixa etária. Depois, guarda-os em gigantescos sacos vermelhos e, em seguida, os leva para o Hospital Municipal Souza Aguiar,



no Centro do Rio de Janeiro, onde trabalha há 16 anos. Recém-separado, Edy não tem filhos, mas age como se tivesse uma centena deles.

Na semana que antecede o Natal, o Dr. Edy troca o jaleco branco do Setor de Emergência pelo uniforme vermelho de Papai Noel e, com a ajuda de enfermeiras e residentes, distribui os presentes entre as crianças internadas. Edy já cumpre esse ritual mágico desde 1998. “Não custa nada você tirar alguns dias do ano para distribuir alegria e calor humano entre os pacientes de um hospital”, diz ele.

Em uma de suas visitas natalinas, Edy conheceu uma criança que estava internada no setor de politraumatismo, vítima de atropelamento. Diante de visita tão ilustre, a criança tirou uma cartinha de baixo do travesseiro e a mostrou ao Papai Noel. Nela, dizia que um de seus sonhos era ganhar um carrinho de controle remoto. Por uma dessas coincidências que só parecem acontecer em filmes natalinos, Edy lembrou que, entre tantos presentes, um deles era de fato um carrinho de controle remoto! “A criança não cabia em si de tanta alegria. Acho que, se não estivesse engessada, teria saído pulando pela enfermaria”, conta ele.

Não é por acaso que Edy identificou-se tanto com aquele garoto. Ele próprio já acreditou em Papai Noel e escreveu cartinhas para o Bom Velhinho. E teria continuado a acreditar por muito mais tempo se um deles, que trabalhava numa loja de departa-

mentos do Centro do Rio, não tivesse feito a gentileza de destruir os seus sonhos ao pedir ao menino que não o beijasse para não estragar a maquiagem. “Fiquei sem ação. Minha mãe ainda tentou consertar a situação, dizendo que o Papai Noel estava brincando, mas, naquele dia, o meu sonho acabou.”

Embora os médicos saibam da existência do Papai Noel do Souza Aguiar, poucos conhecem a identidade secreta do Bom Velhinho. “Muitos colegas arregalam os olhos quando os chamo pelo nome”, diverte-se Edy, que adota uma voz ligeiramente rouca para dar a tradicional risada de “Ho-ho-ho” pelas enfermarias do hospital.

Depois de tantos anos dedicados à medicina, Edy se atreve a dizer que, na maioria dos casos, os medicamentos respondem por apenas 20% do tratamento. Os outros 80% dependem do atendimento caloroso e humanizado que os médicos oferecem ao paciente.

Anjo do Natal

Quando Delwyn Collins era criança num conjunto habitacional de Fort Worth, no Texas, Estados Unidos, foi considerado incapaz, portador de deficiência de aprendizado e mandado para uma escola de educação especial. Os professores nunca suspeitaram que Collins era um gênio no cuidado a outras pessoas.

Hoje com 52 anos, trabalha na lanchonete do Hospital Geral de Tam-

pa, na Flórida, e é um verdadeiro anjo para centenas de crianças que moram em lares adotivos no condado de Hillsborough. Essas crianças, muitas com necessidades especiais e passadas de lar em lar, falam alto ao coração de Collins.

O Natal de 2010 vai marcar o 21º ano em que ele monta uma Árvore das Dádivas do Anjo Adotivo, decorada com anjos de papel com o nome, a idade e o sexo de crianças órfãs e o presente que cada uma gostaria de ganhar. Collins é um homem de poucos recursos, mas toda semana guarda uma pequena parte do salário para comprar presentes e pôr debaixo da árvore. “Quero mostrar às crianças que na comunidade há alguém que as ama.”

O seu exemplo desprezioso inspirou também médicos, enfermeiras e administradores com quem ele trabalha a tornar prioridade a Árvore das Dádivas. Os funcionários e visitantes do hospital tiram anjos da árvore e compram o presente ali indicado que a criança pediu.

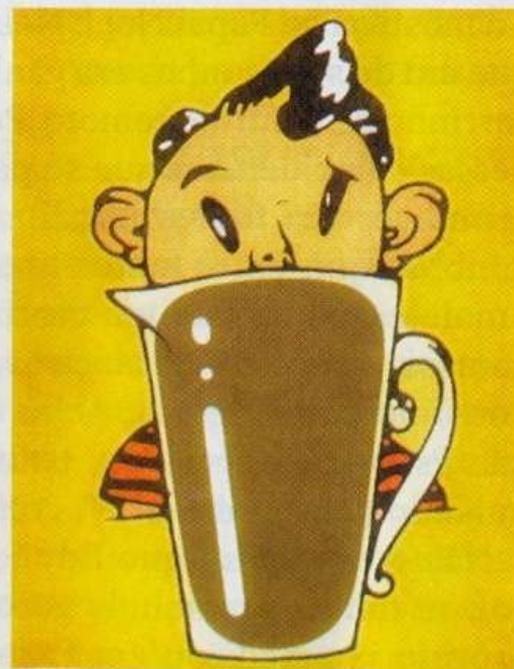
Quando o Natal se aproxima, bicicletas, bonecas, roupas e videogames começam a encher a lanchonete. Nos últimos anos, o programa passou a receber presentes de doadores de todo o país. Em 2009, mais de mil crianças em lares adotivos de Tampa e das cercanias receberam presentes.

“O meu trabalho é ajudar e dar aos outros”, diz Collins. “Deus não quer saber se somos ricos ou pobres.”

GULOSO

Enquanto eu visitava um amigo que passava uns tempos na casa da mãe, fui convidado para ficar para o jantar. No momento em que me sentei à mesa, o que me chamou a atenção foi o enorme copo de mate gelado, colocado à esquerda do meu prato. Por vários momentos, minha mente encheu-se de recordações felizes dos copos de mate que minha avó costumava me servir, quando eu era criança. Na metade da refeição, eu já havia consumido boa parte da bebida. Foi quando percebi a existência de outro copo bem menor à minha direita. Enquanto fazia conjeturas, entre um gole e outro, sobre a função deste segundo copo, meu amigo disparou:

– Randy, por que você está bebendo da jarra?



Randy Uselton, EUA